

SENTIDO E VALOR DA SOCIOLOGIA COMPREENSIVA DE MAX WEBER

Maria de Fátima da Costa Gonçalves¹

RESUMO

Analisa-se o método da sociologia compreensiva de Max Weber para referenciar o estudo da sociedade e das relações de sociabilidade contemporânea. Esboçam-se algumas das categorias analíticas construídas por Weber, com a preocupação em contribuir para base de sustentação metodológica de conceitos acionados pelas análises das políticas públicas. Indicam-se a relação entre o autor e o seu tempo histórico, seus limites temporais e indicativos culturais e intelectuais. Pontua-se com algumas referências metodológicas da sociologia compreensiva, notadamente o tipo ideal como processo de validação científica da investigação weberiana. Toma-se o critério da racionalidade como fundamento da análise do capitalismo e da sociedade capitalista. Sublinha-se a questão metodológica das noções operacionais para o estudo específico do sistema capitalista por Max Weber.

Palavras-chaves: Sociologia Compreensiva. Método Weberiano. Valores. Capitalismo. Racionalidade. Tipos Ideais.

1 INTRODUÇÃO

“A função da ciência é, a nosso ver, exatamente contrária: transformar em problema o que é evidente por convenção” (WEBER, 1995, p: 370).

O nascimento das ciências sociais é coetâneo ao capitalismo enquanto sistema econômico e modo de vida. São contemporâneos ao reordenamento social da Europa, cujo ponto de partida é a metade do século XIX.

Muito antes, as ciências da natureza e as ciências físicas já tinham atributos próprios e legitimidade no campo intelectual, o que lhes conferia posição de reconhecimento e de autoridade legítimas².

A sociologia nasceu como uma tentativa de explicar, classificar³ e reconhecer o mundo social e suas relações a partir dos procedimentos

¹ Professora do Departamento de Educação II e aluna do Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Maranhão.

² Utilizaram-se as formulações de Pierre Bourdieu no que diz respeito às categorias de campo intelectual, espaço social e propriedades de posição dos agentes sociais, na tentativa de demarcar uma análise para a questão das ciências sociais que no século XIX buscam firmar sua legitimidade pela apropriação do método e dos procedimentos das ciências naturais e exatas já consagradas enquanto tais.

daquelas ciências já seculares e historicamente construídas sob o princípio da “exatidão” e da “objetividade”.

Foi longo o caminho de construção do estudo da sociedade e das suas relações à luz da ciência. O estatuto positivista construído por Auguste Comte e refinado, metodologicamente, por Émile Durkheim foi referência fundamental, convivendo em grandes embates nos meados finais do século XIX com o aporte teórico- metodológico do *materialismo dialético de Karl Marx*. No final do século XIX, Max Weber fundou a *sociologia compreensiva*.

O presente trabalho tenta contemplar uma análise, ainda que pontual, do método da *sociologia compreensiva* de Max Weber (1864-1920) que é uma das referências para pensar questões pertinentes ao estudo da sociedade e das relações de sociabilidade contemporânea. Este ensaio dissertativo tenta desenhar algumas das categorias analíticas construídas por Weber.

O esboço que apresento tem por objetivo primeiro realçar a construção das categorias metodológicas do estatuto weberiano de forma que possa contribuir para a reflexão acerca da investigação científica, sobremaneira quanto se trata muito mais de entender as formas de operacionalização das categorias de um cânon do que propriamente empregá-las furtivamente. evidente, certamente não tenho a pretensão de contemplar por inteiro a complexa elaboração metodológica de Max Weber. No entanto, a partir do trabalho “*A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*” (*Die Protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus*), sublinho que ali os conceitos se articulam e articulam um modelo explicativo ao que foi reflexão comum aos “*pais fundadores*” da sociologia (Durkheim, Max e Weber): o capitalismo moderno. Também ressalto uma questão que perpassa esta reflexão: *de que forma - metodologicamente falando - Max Weber construiu parâmetros analíticos tão plurais e que concernem ao estudo que discutem também esferas diversas, tais como, dominação política, ética e ciência, capitalismo e religião, racionalidade e desencantamento do mundo?*

Não será possível (nem desejável) haver um esgotamento nas abordagens, mas quero enfatizar algumas dimensões dos conceitos sociológicos de Max Weber, balizando alguns pontos do seu método de pesquisa. Busco registrar um esboço do legado da sociologia compreensiva

³ Refinada metodologicamente por Durkheim, a sociologia nascida sob a marca de Auguste Comte, tinha como um dos pressupostos que a taxionomia e ordenamento do mundo social resultam da classificação instituída pelos homens. Juntamente com Marcel Mauss em “Algumas formas primitivas de classificação” tentaram estabelecer a generalidade quanto aos tipos de classificação, a partir do estudo de clãs e fratrias referidas a um totem de tribos australianas. Esse contributo no domínio das Ciências Sociais tem como fundamento a noção de que a classificação das coisas reproduz a classificação dos homens e são sistemas de noções hierarquizadas, destinadas a ligar as ideias entre si, a unificar o conhecimento (DURKHEIM e MAUSS. 1998).

para a atividade de pesquisa. Procuo em Max Weber a lição que marca a investigação científica como ato prático⁴.

Num primeiro plano, indico a relação entre o autor e o seu tempo histórico, seus limites temporais e indicativos culturais e intelectuais, o que desemboca numa análise sucinta da “*Alemanha bismarckiana*” do final do século XIX que tanto falou a Weber. Estruturo uma análise sobre a demarcação que Weber procedeu entre as *ciências naturais e as ciências da cultura* porque é um ponto distintivo da sua concepção de ciência. No momento seguinte, pontuo com algumas referências metodológicos da sociologia *compreensiva*, notadamente o *tipo ideal* que é, por assim dizer, o ícone do processo de validação científica da investigação weberiana. E ainda, tomo o conceito de *racionalidade*, tão caro a Weber, como fundamento da análise do capitalismo e da sociedade capitalista, tentando sublinhar a questão metodológica e de que forma esse conceito funcionava como noção para articular as relações dessa sociedade específica.

2 O HOMEM E SEU TEMPO: Max Weber na Alemanha novecentista

O arcabouço metodológico-conceitual de Max Weber (Alemanha, 1864-1920) é um primado científico na área das Ciências Sociais, que se revigora e sustenta parte do debate travado no *campo intelectual*⁵. Conceitos⁶ tais como *racionalidade, tipo ideal, capitalismo, burocracia e dominação* atinentes à sociologia *compreensiva* são os pontos focais da sua análise.

Max Weber foi um homem do seu tempo. Vivendo na Alemanha no final do século XIX sob um Estado de nuance burocrática, governada por Otto von Bismarck⁷ e recém-unificada, após longo período de fragmentação política e territorial.

Estava a Alemanha regida por um capitalismo de bases industriais, ainda que a burguesia alemã não houvesse conseguido superar a hegemonia

⁴ Refiro-me, sobretudo, ao uso operacional das categoriais de forma consciente, desejável pelo pesquisador e apropriadas àquelas questões que constroem o objeto de estudo.

⁵ Utilizei aqui a noção operacional de campo intelectual (BOURDIEU, 1968) para delimitar mais nitidamente a questão do embate travado pela construção dos conceitos e visões de mundo que os agentes sociais estabelecem para explicar e classificar o mundo social.

⁶ Conforme a instrução do sociólogo Gabriel Cohn: “Na posição estritamente metodológica assumida por Weber o conceito é o instrumento que o pesquisador forja para ordenar um segmento da realidade e construir o seu objeto. Entre o conceito e o real estabelece-se uma enfática separação” (COHN, 1979, p. 116).

⁷ Pertencente a urna família típica de junkern (aristocratas rurais da Alemanha), em 1862 foi nomeado primeiro-ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros de Guilherme I da Prússia. Liderou o movimento de unificação alemã e o estabelecimento do Império (II Reich). Entre 1870 e 1890 Bismarck liderou a política internacional europeia, após um período de anexações territoriais e domínio político. Na política interna, as chamadas ações de cunho protecionista (leis de acidente de trabalho, reconhecimento dos sindicatos, o seguro de doença, invalidez ou acidente. por exemplo) não são totalmente admitidas pelo Reichstag. Entre 1872 e 1880, Bismarck lidera a chamada Kulturkampf (luta pela cultura) com forte oposição da Igreja Católica.

dos grandes senhores rurais e estabelecer um forte movimento operário. A consolidação do Estado nacional na Alemanha era a pedra de toque na questão político-social de Max Weber, sendo inclusive ele signatário do *Acordo de Weimar*⁸.

A incipiente sociedade industrial testemunhada por Weber, o contexto político, econômico e ético — o *Luteranismo* — forneceram ao pensador rico material de análise. Entretanto, o conjunto da construção teórica de Weber rompe, por assim dizer, com as noções usuais de interpretação da *'vida alemã'* ao atentar para o papel específico das *ciências da cultura*, a qual, por ser complexa e tensa em alguns pontos, exige minuciosa análise, embora nunca seja ela mesma em si esgotada.

Os trabalhos de Weber resultaram da preocupação em elucidar sob o ponto de vista conceitual-metodológico, as questões da sociedade europeia em *fin-de-siècle*⁹, especialmente a alemã. Partindo do ponto de que esses trabalhos revelam uma complexa urdidura teórico-metodológica, é oportuno considerar-se que, no arcabouço científico do autor, não há lugar para *sínteses a priori* ou *doutrinas pré-concebidas*.

No conjunto de análises sociológicas e políticas¹⁰ de Max Weber mais significativas podem ser destacados os trabalhos históricos como o que versa sobre a agricultura no mundo antigo¹¹, *"Ciência como vocação"* (*"Wissenschaft Als Beruf"*), *"Política como vocação"* (*"Politik Als Beruf"*), trabalhos de sociologia da religião que tem como ícone *"A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo"* (*Die Protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus*¹²) e o tratado de sociologia geral denominado de *"Economia e Sociedade"* (*Wirtschaft und Geseiischft*), considerado a obra-prima do autor.

⁸ Weber participou da redação da Constituição da República de Weimar em 1919, integrando o corpo de assessores da delegação de paz alemã em Versalhes, também em 1919 (CONH, 1997, p. 9).

⁹ No que diz respeito à postura política de Émile Durkheim, assinalo como fundamental a preocupação em superar o vazio moral da III República Francesa.

¹⁰ Dirigiu juntamente com Werner Sombart e Edgar Jaffé o "Arquivo para a ciência social e política social" (Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik) que era uma publicação de grande substância intelectual e referida às principais polemáticas no campo intelectual na época. Para ilustrar, o aclamado artigo "A objetividade do conhecimento na ciência social e na ciência política" de 1904, em que Weber discute o critério de objetivação nas ciências sociais, como critério de validade científica.

¹¹ "A história agrária de Roma e sua importância para o Direito Público e Privado" (1891) trata dessa questão.

¹² Alguns trabalhos e conceitos em Weber vêm procedidos pelos respectivos designativos em alemão na tentativa de realçar a dificuldade, no momento da tradução, de termos que correspondam fielmente às construções do autor.

3 DAS CIÊNCIAS NATURAIS ÀS CIÊNCIAS DA CULTURA: uma passagem necessária

A questão que pode ser o indicativo mais significativo do conjunto dos trabalhos de Max Weber é o processo de racionalização da *cultura* ocidental, conforme a própria argumentação acima, que destaca a racionalidade referida a fins (*Zweckrationale Deutung*). Esse processo é o seu objeto de estudo.

Weber refutou a razão dedutiva medieval e se conduziu pela via da razão indutiva moderna. O ponto de partida da sociologia weberiana é o princípio de que o conhecimento é parcelado, é parcial, é social e culturalmente definido e valorativamente orientado. Em outras palavras, a cultura e a sociedade interferem na percepção e, assim, a ciência não é um tratado taxionômico e acabado. Não o é porque quem a faz é o homem e ele é portador de valores e tem uma *finitude*, por assim dizer, um limite, enquanto uma mente que tem a capacidade de apreender o mundo real. O conhecimento assim é parcelar, resultado dos recortes ajuizados pelos valores do indivíduo. Como o diz: “[...] *todo indivíduo histórico está arraigado, de modo logicamente necessário, em ideias de valor*” (WEBER, 1999, p. 130).

Weber dialoga com os diversos com autores de distintas concepções¹³, não obstante haja influências mais acentuadas como Friedrich Nietzsche, Heinrich Rickert e Wilhelm Dilthey.

O trabalho “*Limites da conceituação científico-natural*” (“*Grenzen der Naturwissenschaftlichen Begriffsbildung*”) de Heinrich Rickert é o possível ponto de partida para a construção metodológica de Weber, que aproveita a ideia da relação com os valores (*Wertbeziehung*) como fundamento das *ciências sociais e históricas*¹⁴. Em outros termos: os valores¹⁵ seriam um critério de seletividade na construção do objeto de conhecimento.

Em Wilhelm Dilthey, o ponto fundamental que marca a influência em Weber é a noção do chamado sentido que amplia o entendimento e possui um caráter essencialmente histórico, não fugindo do complexo conjunto das ciências culturais tão caras aos alemães.

Em Friedrich Nietzsche, há duas injunções pontuais: análise das formas de construção dos *valores* (este é um dos vetores da *epistemologia*

¹³ Em “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” (*Die Protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus*) há um diálogo explícito com W. Sombart, autor de “*Der Moderne Kapitalismus*” sobre a gênese do capitalismo e sua relação com as chamadas “economia da necessidade” e a “aquisição”, para sublinhar a questão do que Weber denominou de “tradicionalismo econômico”.

¹⁴ Para atingir a chamada objetividade científica, Rickert acreditava na existência de certos valores universais — liberdade, verdade, etc — posição não compartilhada por Weber.

¹⁵ Destaco que: “[...] as ideias de valor são subjetiva” (WEBER, 1999, p. 133) para acentuar o princípio da construção da cultura e dos valores pelo indivíduo.

weberiana) e a noção de caos da sociedade moderna, ou seja: a desordem da sociedade e sua conseqüente fragmentação face aos valores excessivamente cristãos, conforme apontou o filósofo alemão em “*A Genealogia da Moral*”:

“Ora, para mim está na palma da mão, primeiramente, que essa teoria procura o foco próprio do surgimento do conceito ‘bom’ no lugar errado e ali o põe: o juízo ‘bom’ não provém daqueles a quem foi demonstrada ‘bondade’. Foram antes os ‘bons’, eles próprios, isto é, os nobres, poderosos, mais altamente situados e de altos sentimentos, que sentiram e puseram a si mesmos e a seu próprio fazer como bons, ou seja, de primeira ordem, por oposição a tudo que é inferior, de sentimentos inferiores, comum e plebeu. Desse *pathos da distância* é que tomaram para si o direito de criar valores. de cunhar nomes dos valores: que lhes importava a utilidade!” (NIEZTCHE, 1974, p. 306, grifo nosso).

Max Weber faz uma distinção radical entre *Ciências da Natureza* e *Ciências da Cultura*, as quais têm requisitos metodológicos próprios. Enquanto as primeiras tentam explicar os fatos, comportando leis específicas, as segundas se orientam pela *probabilidade de compreender* o sentido da ação e, portanto, não admitir leis enunciativas. Nas *Ciências da Natureza* as relações são de necessidade, nas *Ciências da Cultura*¹⁶ as relações são de *probabilidade*, uma vez que não há relações de causa e efeito, como naquelas manifestamente naturais. Este é o cerne da *sociologia compreensiva*.

Ao indicar *sociologia* compreensiva como resultado dessa preocupação em demarcar limites específicos tanto quanto aos conceitos como instrumentos operacionais das ciências da natureza e das *ciências da cultura*, Weber afirmou:

“A sociologia compreensiva, entretanto, não se interessa pelos fenômenos fisiológicos e pelos anteriormente chamados fenômenos ‘psicofísicos’ [...], tampouco se interessa pelos dados físicos brutos... Pelo contrário, estabelece diferenças da ação conforme referências típicas. providas de sentido (sobretudo referências ao exterior)[...]” (WEBER, 1995, p. 315, grifo nosso).

Na inquietação de Weber com a compreensão do processo de *racionalização do Ocidente*, como objeto de estudo primeiro, sublinho que os valores são parte indissociáveis dos agentes sociais, dos sujeitos do

¹⁶ Importa destacar neste intermédio do debate que realça a noção de cultura (*kultuz*) e por extensão de civilização (*zivilisation*) a tensão e complexidade que encerra. Norbert Elias no trabalho “O processo civilizador” disse: “Franceses ou ingleses poderão talvez dizer ao alemão que elementos tornam o conceito de civilização mais razoável e racional que este conceito lhes pareça, mas também nasce de um conjunto específico de situações históricas, e está cercado também por uma atmosfera emocional e tradicional difícil de definir, mas que apesar disso constitui parte integral de seu significado. E a discussão descamba realmente para a inutilidade quando o alemão tenta demonstrar ao francês e ao inglês porque o conceito de *Zivilisation* de fato representa para ele um valor, embora apenas de segunda classe”.(ELIAS, 1994, p. 21).

conhecimento¹⁷. Para o autor não haveria lugar na Ciência para a *neutralidade axiológica promulgada* pelos positivistas. Ele enfatizou:

“Primeiro, gostaríamos de questionar a opinião dos partidários da ‘neutralidade axiológica’, para os quais a mera instabilidade histórica e individual das tomadas de posição valorativas prevalecentes tem apenas o caráter necessariamente ‘subjetivo’ da ética, por exemplo”(WEBER, 1995, p. 370, grifo nosso).

No estatuto weberiano, os *valores* cumprem com as seguintes funções básicas nos vários níveis de investigação científica (LOWY, 1994): orientam a escolha do objeto de conhecimento; orientação a direção da investigação empírica; selecionam o que é ou não importante; determinam igualmente a formação do aparelho conceitual utilizado e, ainda, fornecem a *problemática (Fragestellung)* da pesquisa. Os *valores*, assim, são, com efeito, mecanismos de seletividade do objeto a serem construídos.

Assinalo que os valores (*Wertbeziehung*) na concepção de Max Weber são mecanismos de *seletividade* do objeto a ser construído, uma vez que não há como abranger o todo simultâneo de uma realidade, por assim dizer, na sua plena extensão, posto que ela mesma é fragmentada, fragmentária e caótica. Logo, o conhecimento para Max Weber não é uma reprodução *ipsis litteris* da realidade social tampouco, o esgotamento do real. *Sentido* e *significado* conferem vitalidade ao conhecimento. E eles são resultados do processo de articulações conceituais que é distintiva na *sociologia compreensiva*.

Igualmente marcante no arcabouço teórico-metodológico weberiano é a *racionalidade* como traço distintivo das sociedades ocidentais em contraponto com o Oriente. A *racionalidade* em Weber pontua o critério da validade científico¹⁸, é um conceito que o permite exercitar o recurso da analogia. Ao mesmo tempo, a racionalidade como atributo do mundo ocidental representa o *desencantamento do mundo (Entzauberung der Welt)* — abordagem clássica feita por Nietzsche, Rilke e Heller, ou seja: o fim dos aspectos mágicos e míticos do mundo social pelo processo dessa racionalidade.

Em “*A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*” (*Die Protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus*), o autor, na parte introdutória do trabalho, referindo-se à relação entre o capitalismo e as formas de organização administrativa e jurídica no Ocidente, afirmou:

¹⁷ Chamo atenção para a necessária distinção entre sujeito empírico e sujeito do conhecimento (GONÇALVES, 2004).

¹⁸ A ausência de racionalidade no Oriente, segundo Weber, importa na ideia de ausência da ciência nessas civilizações, conforme trata a Introdução de “*A Ética Protestante e o Espírito Capitalista*”: “Apenas no Ocidente existe a ‘ciência’ num estágio de desenvolvimento que atualmente reconhecemos como ‘válido’” (WEBER, 1999, s/p]

“Entre os fatores de importância incontestável, encontram-se as estruturas racionais do direito e da administração. Isto porque o moderno capitalismo racional baseia-se, não só nos meios técnicos de produção, como num determinado sistema legal e numa administração orientada por regras formais. (...) Esse tipo de direito e de administração foram válidos para a atividade econômica, em grau de relativa perfeição, somente no Ocidente. Deve-se perguntar agora onde é que se originou esse Direito. (...) Forças inteiramente diversas também atuaram no seu desenvolvimento. Se não, por que não fizeram os mesmos interesses capitalistas na China ou na Índia? Por que lá não alcançou o desenvolvimento científico, artístico, político ou econômico, o mesmo grau de racionalização que é peculiar no Ocidente?”

Porque em todos os casos citados, trata-se do ‘racionalismo’ específico e peculiar da cultura ocidental”(WEBER, 1999, 10-11, grifo nosso).

Weber em uma passagem de *“Ciência como vocação”* (*“Wissenschaft Als Beruf”*) faz uma espécie de catarse, num pleno momento de admissão desse desencantamento (*Entzauberung*) como a consequência do processo de racionalização:

“O fim precípua de nossa era, caracterizada pela racionalização, pela intelectualização e, principalmente pelo ‘desencantamento do mundo’ levou os homens a banir da vida pública os valores supremos e mais sublimes. Esses valores encontraram refúgio na transcendência mística ou na fraternidade das relações diretas e recíprocas entre indivíduos isolados” (WEBER, 2002, p. 59, grifo nosso).

Diga-se, uma espécie de *“mea culpa”* antecedente e antecipada das consequências, que os valores essencialmente racionais imputariam à complexa sociedade moderna. Uma cumplicidade com o desencantamento nietschiano.

4 OBJETIVAÇÃO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS como o “tendão de Aquiles” da pesquisa: a possibilidade de resolução pelo tipo ideal como operação metodológica

Tomei por base, num primeiro momento, que Weber partiu da temática dos valores como fundamento das *ciências sociais e históricas*. A relação da ciência com os valores (*Wertbeziehung*) realça a preocupação do autor com a impossibilidade de uma análise diretamente objetiva da vida cultural ou dos fenômenos sociais. Por outro lado, a Ciência sob a ótica de Max Weber, para ter sua validade assegurada, sem precipitações de primeira ordem (construções *a priori*, respostas imediatas e simplistas) está referida aos critérios de validação — instrumentos metodológicos — quais sejam: o *tipo ideal* - que delimita o objeto — e a *possibilidade objetiva* que imputa causalidade ou nexos causais ao problema investigado.

Na tentativa de acurar a análise e marcar a posição metodológica de Weber para pensar a relação das dimensões do real, chamo atenção para o fato de que, para ele, as esferas das ações humanas são *autônomas*, isto é:

“Em nenhum domínio dos fenômenos culturais pode a redução unicamente a causas econômicas ser exaustiva, mesmo no caso específico dos fenômenos econômicos” (WEBER, 1979, p. 86).

Weber indicou que a interpretação econômica não parte só da essencialidade dos fatos econômicos (instituições deliberadamente voltadas para fins econômicos), mas também esses fatos podem ser *economicamente relevantes ou economicamente condicionados*.¹⁹ Isso implica num contraponto à ideia de determinação econômica em “*última instância*”. Na análise dos fenômenos sociais, o fator ou esfera econômica nem sempre pode determinar sua elucidação ou ligar-se irrestritamente a essa esfera.

Por outro lado, a *sociologia compreensiva* de Max Weber tem como fundamento o *indivíduo*, uma vez que o coletivo não se constitui *valor em si* ou porta *valores* que dão significado ao comportamento. Essa prerrogativa última é do indivíduo segundo Max Weber. Sendo assim, os conceitos coletivos só podem ser compreendidos sociologicamente a partir das relações estabelecidas pelas condutas individuais. Aqui, grafo o significado do ato de compreender (*Verstehen*)²⁰ como vetor metodológico e teórico em Weber e afeto a um *conhecimento nomológico* - regularidades - assim como, à construção de tipos (CONH, 1979, p: 81). Assim, pois:

“Compreender significa, pois, em todos estes casos [compreensão direta empírica do significado de um dado ato, compreensão explicativa]²¹ compreensão interpretativa de: a) casos concretos individuais, como por exemplo, na análise histórica; b) casos médios, isto é, estimativas aproximadas, como na análise sociológica de massa; c) um tipo de construção cientificamente formulado de ocorrência frequente” (WEBER, 2002, p. 16, grifo nosso).

Há no cânone weberiano uma tensão verificada no nível da chamada *objetividade*. Alguns analistas dos seus trabalhos questionam se ele não convergiu para o positivismo (LÖWY, 1994), quanto ao postulado da *neutralidade axiológica* das ciências sociais. Weber trabalha com a *objetivação* (validação da pesquisa pela construção de um instrumento específico, o *tipo ideal*) e não como a *objetividade* sendo ela mesma, em Weber, um *valor* e não um critério ou instrumento de rigor metodológico. Isto marca sua distância dos procedimentos positivistas.

O ponto essencial que talvez faça diferença é a construção do tipo ideal como forma de objetivar, isto é, construir cientificamente, os problemas da sociedade ocidental, tal como Weber afirmou: “[...] *podemos representar e*

¹⁹ O aprofundamento desta questão sugere a leitura de “A objetividade do conhecimento nas ciências sociais” (WEBER, 1995).

²⁰ Na análise de Aron (1999, p: 491): “Segundo Max Weber, a sociologia é ciência da ação social, que ele quer compreender interpretando, e cujo desenvolvimento quer explicar socialmente”.

²¹ Inseriu-se a explicação, como em outras citações, para melhor compreensão do argumento de Weber.

tomar compreensível pragmaticamente entre a natureza particular dessas relações mediante um tipo ideal” (WEBER, 1979, p. 105, grifo nosso).

O *tipo ideal* é um modelo provisório, construído por Weber, com o objetivo de promover o rigor conceitual nas Ciências Sociais, posto que as variações do seu conteúdo significativo alteram de uma época a outra.

Para preservar a validade científica da pesquisa, evitando-se oscilações pessoais de conceito, ele elaborou o dispositivo, por assim dizer, do *tipo ideal* que pode ser resumido como um conjunto de conceitos que o cientista social constrói unicamente para fins de pesquisa. Como metodologicamente obter esse tipo ideal? Ensinou Weber:

“Obtém-se um tipo ideal mediante a acentuação unilateral de um ou de vários pontos de vista, e mediante encadeamento de grande quantidade de fenômenos isolados dados, difusos e discretos, que se podem dar em maior ou menor número ou mesmo faltar por completo. (...) Torna-se impossível encontrar empiricamente na realidade esse quadro, na sua pureza conceitual, pois trata-se uma utopia.”(WEBER, 1979, p. 106 (grifo nosso).

A construção do *tipo ideal* supõe a noção de tomar o sentido de um conjunto de traços comuns (*tipo médio*) ou de estilizar, caricaturar elementos característicos ou típicos, a exemplo da figura de B. Franklin, presente em “*A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*” (*Die Protestantische Ethik uad der Geist des Kapitalismus*), como o *tipo ideal* do capitalista, já submetido a um processo de aumento, exagero e ampliação.

Como instrumento de medida²² (FREUND, 1987), o tipo ideal permite formar julgamentos de imputação causal, ou seja, pelo estabelecimento de nexos causais, como acentua o autor em 1913 ao escrever “*Sobre algumas categorias da sociologia compreensiva*”:

“Mas a sua tarefa específica [da sociologia compreensiva] teria início precisamente no momento em que procurasse explicar, de modo interpretativo: 1) mediante a ação, provida de sentido, com referência a objetos, quer pertençam ao mundo exterior, quer ao interior, procuram os homens dotados com aquelas qualidades herdadas e específicas realizar o conteúdo da sua aspiração, de tal modo co-determinada e favorecida, e por que e em que medida conseguiu-se aquilo (ou por que se conseguiu 2) que consequências compreensíveis teve esta aspiração (condicionada hereditariamente) no seu comportamento, com referência ao comportamento de outros homens, os quais também era provido de sentido” (WEBER, 1995, p. 316, grifo nosso).

Ainda, tipo ideal para Weber pode destinar-se ao enquadramento conceitual de um fenômeno numa determinada realidade, com determinada

²² As Ciências Sociais não possuem em si instrumentos de mensuração precisa e pontual. Querer forçar a exatidão delas pelos instrumentos objetivos das ciências naturais e físicas, é forçar uma postura “objetivista” digamos assim, tal como procederam os positivistas no tocante à metodologia das ciências sociais. Weber foi por outro caminho, construiu o tipo ideal.

regularidade, sustentada pelo saber nomológico (regularidade das leis) que ele denomina de *tipos ideais conceituais* - *Ação Social, Relação Social*²³, *Dominação, Burocracia, Estado*. Tipos que podem estar destinados a uma vinculação temporal e determinada quais sejam: *os tipos ideais históricos* - *Capitalismo, Espírito Capitalista e Ética Protestante*.

Na *sociologia compreensiva*, os *tipos ideais conceituais* são significativos, notando que os conceitos de *Ação Social* se referem a fins, a valores, à afetividade e à tradição (WEBER, 2002, p. 41): a *Dominação* que é a probabilidade de alguém encontrar obediência a um mandato e a *Burocracia*²⁴ como cálculo racional aplicado aos procedimentos de domínio, os quais são atinentes não só às sociedades capitalistas, mas também a outras formas de organização social.

No que diz respeito especificadamente à *dominação*, demanda sublinhar que, em qualquer nível, ela ocorre pela possibilidade de aceitação, efetivada pela *legitimação*²⁵. Ademais, na investigação científica, interessa para Weber os problemas (*ação social*) que podem ter sentido e significado em oposição ao tratamento dos fatos sociais como “*coisa*”, ou seja, algo exterior ao indivíduo e estabelecido pelo poder coercitivo, na perspectiva do positivismo.

Parece haver aqui uma nítida separação entre o tratamento metodológico positivista (“*fatos sociais como coisas*” em Durkheim) e o dispositivo metodológico utilizado por Weber - *articulação entre conceitos* - que se constitui o fundamento da investigação científica para a *sociologia compreensiva*.

Ao largo das noções operacionais e dos instrumentos analíticos de Weber, há uma questão de fundo que permeia todos os trabalhos do autor e refere-se notadamente ao papel da ciência que ao final parece identificar-se com o rigor metodológico. Em “*Ciência como vocação*” (“*Wissenschaft Als Beruf*”), Weber afirmou:

²³ Disse Weber: “O termo ‘relação social’ será usado para designar a situação em que duas ou mais pessoas estão empenhadas numa conduta onde cada qual leva em conta o comportamento da outra de maneira significativa, estando, portanto, orientada nestes termos. A relação social consiste, assim, na probabilidade de que os indivíduos comportar-se-ão de maneira significativamente determinável. É completamente irrelevante o porque de tal probabilidade, mas onde ela existe pode-se encontrar uma relação social” (WEBER, 2002. p: 45).

²⁴ Especificamente a burocracia no mundo ocidental contemporâneo é objeto de análise de Max Weber, tendo como características: a materialidade (corpo de funcionários civilmente livres), impessoalidade, hierarquia, distribuição por critério de competência, profissionalização, soldo fixo, plano de carreira, separação dos meios de administração (público/privado), disciplina e vigilância administrativa, conforme exposto em “Economia e Sociedade” (2000, p: 142).

²⁵ Segundo Mas Weber, a legitimação pode ser racional-legal (fundamentada na lei e na racionalidade). Tradicional ou patrimonial (respaldada na tradição e nos costumes) e carismática (sustentada nos atributos pessoais do mandatário).

[...] a ciência nos fornece algo que o comércio de legumes não nos pode, certamente, proporcionar: métodos de pensamento. ou seja. os instrumentos e uma disciplina. Retruarão os senhores, provavelmente, que não se trata, desta vez de legumes. Que seja. Administramo-lo, por enquanto. Não chegamos ainda ao fim da jornada, felizmente. Vislumbramos a possibilidade de apontar para uma terceira vantagem: a ciência contribui para a 'clareza'" (WEBER, 2002, p. 57, grifo nosso).

Nesse ponto, ele é irrefutável. E a clareza a que se refere é a possibilidade de *compreender* (atribuir *sentido*) a complexidade das relações sociais num mundo em pleno *desencantar*. Compreender não é para Weber dar um veredito, mas sempre, possibilidades plurais.

5 MAX WEBER EM ATO PRÁTICO: uma breve análise da operacionalização conceitual da “ética protestante” e do “espírito do capitalismo”

O magistral estudo do capitalismo ocidental em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* “(*Die Protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus*)” indica passos metodológicos e instrumentos analíticos que Weber foi construindo.

Em primeiro plano, a questão colocada por esse sociólogo alemão se encaminha para uma possível relação de causalidade entre o desenvolvimento do capitalismo, enquanto modo de racionalização, modo de relação adequada entre meios e fins, no que tange à “*participação dos protestantes na propriedade do capital*” conforme sua expressão própria (WEBER, 1999, p. 19). Em outros termos, questionou: “[...] *por que razão as regiões de maior desenvolvimento econômico foram, ao mesmo tempo, particularmente favoráveis a uma revolução na igreja? A resposta não é tão simples como se poderia pensar*” (WEBER, 1999, p. 20).

Em seguida, pontua pelo critério da possibilidade objetiva, uma tendência que marca a relação entre protestantes e atividades racionais, ao dizer que:

“Por outro lado, impõe-se o fato de que os protestantes (especialmente alguns dos seus ramos que serão discutidos mais adiante²⁶) tanto como classe dirigentes, como classe dirigida, seja como maioria, seja como minoria, terem demonstrado tendência específica para o racionalismo econômico, que não pode ser observada entre os católicos em qualquer uma dessas situações. A razão dessas diferentes atitudes deve, portanto, ser procurada no caráter intrínseco permanente de suas crenças religiosas, e não apenas em suas temporárias situações externas na história e na política” (WEBER, 1999 p. 23, grifo nosso).

²⁶ Trata-se do Calvinismo, Pietismo, Metodismo e as antas batistas, discutidas na Parte II do trabalho referido.

Registro que no Capítulo II de “*A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*” (*Die Protestantische Ethik und des Geist der Kapitalismus*), denominado “*O Espírito do Capitalismo*”, Max Weber deixa marcada a noção de articulação entre conceitos, afirmando:

“Em outras palavras, devemos desenvolver no curso da discussão, como seu resultado mais importante, a melhor *formulação conceptual do que entendemos aqui por espírito do capitalismo. isto é. a melhor do ponto de vista que aqui nos interessa.* Certos pontos de vista estabeleceriam, também, para este como para qualquer outro fenômeno histórico, outras características. *Resulta disso, não ser necessário entender por espírito do capitalismo somente aquilo que virá a significar para nós, para os propósitos da nossa análise. Isto é um resultado da natureza dos conceitos históricos que tentam abarcar para suas finalidades metodológicas a realidade histórica não em fórmulas gerais abstratas, mas em conjunto genéticos de relações. que são inevitavelmente de caráter individual e especificamente único*” (WEBER, 1999, p. 28, grifo nosso).

Nessa passagem há uma espécie de resumo dos principais pontos da metodologia referida à sociologia compreensiva, especificadamente no que diz respeito à construção do conceito²⁷, à marca da individualidade da ação social, para usar a terminologia dele e mais que isso, na incisiva pontuação quanto ao caráter único de cada conceito. Weber enfatizou que a determinação do objeto de análise carece inicialmente de uma descrição provisória para então pelo recurso da construção do tipo ideal chegar o conceito ao que chama de urna “pureza quase clássica”, livre igualmente dos preconceitos²⁸. Disse:

“Assim, *a tentativa de determinação do objeto*, cuja análise e explanação histórica estamos tentando, *não pode ser feita na forma de uma definição conceptual*, mas pelo menos *inicialmente, deve ser apenas uma descrição provisória do que aqui se entende por espírito do capitalismo. Tal descrição é, todavia, indispensável à clara compreensão do objeto de investigação.* Com esta finalidade, voltamo-nos para um documento desse espírito, que contém aquilo que procuramos *numa pureza quase clássica e que, ao mesmo tempo, apresenta a vantagem de ser livre de qualquer relação direta com a religião, estando assim, para os nossos objetivos, livre de preconceitos*” (WEBER, 1999, p. 29, grifo nosso).

Em “*A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*” (*Die Protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus*), Max Weber, em princípio distinguiu a singularidade da racionalização no Ocidente (que se deu

²⁷ Ou de uma noção operacional para dar sentido e significado às demandas dos dados de pesquisa, por exemplo.

²⁸ Note-se que os preconceitos aqui são referidos aos conceitos iniciais e provisórios, sem a devida depuração, por assim dizer, metodológica, o que nesse caso específico se dá com a construção do tipo ideal que produz a objetivação necessária ao conceito trabalhado.

de forma completamente distinta do Oriente)²⁹ como elemento fundamental no entendimento do sistema capitalista ocidental.

A *racionalização* no Ocidente não se limita a um setor determinado, mas penetra no conjunto e nos interstícios da vida, exercendo uma ação permanente (FREUND, 1979). Este é o seu traço mais distintivo se proceder a uma analogia com as demais sociedades. Quanto mais a racionalidade foi penetrando nos meandros do mundo ocidental, mais estreita se tornou a relação entre meios e fins em todas as instâncias sociais, não só como é *lugar-comum*³⁰ pensar, na esfera econômica.

Ora, essa postura — rompimento das antigas formas de produção (estritamente feudais) — representou a ruptura com o “*tradicionalismo*” (formas arbitrárias de poder) e a absorção de paradigmas racionalistas, a exemplo do Estado racional — Legal que permitiu a relação coerente entre meios e fins (processo de *racionalização*)³¹ em todos os setores da sociedade ocidental moderna.

Ao lado dessas primeiras questões, ratifico que Max Weber trabalhou metodologicamente o capitalismo segundo a construção de tipos ideais históricos na perspectiva da categoria chamada *afinidade eletiva* (*Wahlverwandtschaft*), que desemboca no recorte da realidade para construção do objeto de estudo orientada pelos valores e sentido atribuídos pelo indivíduo.

Há no capitalismo moderno (diferente dos demais capitalisms que Weber admitiu existir) dois pontos para consideração: a racionalidade e o fundamento ético. Nesse sentido, Weber observou em “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” (*Die Protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus*) que os proprietários do capital, pessoal técnico comercialmente mais especializado são preponderantemente protestantes; regiões de maior desenvolvimento econômico foram particularmente favoráveis a uma revolução na Igreja, conforme assinalado anteriormente; os católicos denotavam maior tendência para permanecer no artesanato e os protestantes seriam atraídos pelas atividades fabris. Haveria uma tendência específica dos protestantes para o racionalismo econômico, sendo que os católicos não demonstravam isso.

²⁹ Weber em “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” (*Die Protestantische Ethik und der Geist der Kapitalismus*) precisamente na parte introdutória, traça um paralelo entre as atividades no Ocidente e no Oriente, trabalhando de início como conceito de racionalização, que em ambas as regiões assumem formas e funções particularmente distintas.

³⁰ Lugar-comum aqui é utilizado no sentido aristotélico do termo: conjunto de argumentos que se utiliza para fundamentar algo, mas que ele mesmo não é argumentado.

³¹ Convém lembrar o raciocínio weberiano da relação entre racionalidade e cálculo, ou seja: “Na medida em que todas as operações são racionais, toda ação L’2dividual das partes é baseada em cálculo” (WEBER, 1999. p: 5).

Aqui se encontra, talvez, o escopo da análise do capitalismo em Weber: que relação existe entre *racionalidade—protestantismo— capitalismo*, enquanto elementos presentes na sociedade ocidental moderna, de tal forma intrinsecamente ligados, que perderia todo o conjunto de argumentações, separá-los?

Para explicar as conexões entre o protestantismo e o capitalismo, Max Weber destacou, de início, o protótipo do capitalista, B. Franklin (apresentado nas modificações necessárias para funcionar, por assim dizer, como um tipo ideal) e suas sentenças que redundam no “espírito do capitalismo”, a saber, a maneira de pensar e agir do capitalista, que calcula gastos e lucros de forma inteiramente racional. Por exemplo:

“Lembra-te que tempo é dinheiro. Aquele que pode ganhar dez xelins por dia de seu trabalho vai passear (...) embora não despenda mais que seis pences durante seu divertimento (...), não deve computar apenas essa despesa: gastou, na realidade, ou melhor, jogou fora, cinco xelins a mais” (WEBER, 1999, p.29, grifo nosso).

Nessa passagem, está o elemento fundamental do capitalismo, a racionalidade, que em caso contrário, implicaria em prejuízo (“jogou fora cinco xelins”). Max Weber entendeu a ética protestante (comportamento dirigido pelos princípios do calvinismo) como elemento fundamental no desenvolvimento capitalista e suas organizações institucionais.

A concepção de vida estabelecida a partir do trabalho — forma fundamental de salvação do homem — é o chamado “espírito do capitalismo”. Weber utilizando-se da categoria da possibilidade objetiva, após estudar as seitas metodista, calvinista e batista, entendeu que o calvinismo foi quem revelou de forma mais acentuada o espírito do capitalismo, justamente por conter maiores afinidades no que diz respeito à organização racional do capitalismo, principalmente na questão vinculada ao trabalho organizado e produtivo.

Max Weber considerou a classe capitalista como portadora do espírito aquisitivo e racionalidade necessárias para compor o sistema capitalista. Não entendeu, diferente de Marx, a démarche capitalista como prolongamento direto do progresso³² das forças produtivas do medievo, mas a partir de valores e impulsos psicológicos³³ presentes na modernidade,

³² Weber não aceitava a noção de direção progressiva da História, ou como um conjunto de causas sequenciadas ou modos de produção: a história para Weber não possuía um sentido imanente, sendo ela mesma diferente da natureza.

³³ Os princípios do Calvinismo, por exemplo, tiveram excelentes argumentos que, pela sua coerência, funcionaram como uma ideologia de grande penetração psicológica, intervindo, inclusive, no modo de ação social E ainda, em nota nº 10 do Capítulo II de “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” (Die Protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus”, Weber afirmou que: “O principal ponto de diferença (antecipando-nos na discussão) está no fato de uma ética baseada na religião prevê certas sanções psicológicas (não de caráter econômico) referentes à manutenção da atitude prescrita por ela, sanções que, enquanto permanecer viva

conforme análise da ética protestante e sua estreita relação com o espírito do capitalismo.

O corte epistemológico nos valores individuais, na conduta racional do Ocidente e nos nexos causais entre atividade capitalista e protestantismo, permitiu a construção de tipos ideais específicos para a questão — o Capitalismo e Ética Protestante - que, conforme se presta tal procedimento, confere aos conceitos provisórios iniciais um conceito histórico resultante da investigação proposta de acordo com o protocolo da sociologia compreensiva.

6 CONCLUSÃO

Max Weber (1864-1920) é um autor clássico, assim, atual. Atual porque a sociedade, ainda que não mais a mesma do fim do século XIX, tem com ela uma relação de ambiguidades, contradições, continuidades e descontinuidades, mantendo, em algumas questões, o fundamento das perguntas que já estavam sendo gestadas ali.

O arcabouço metodológico construído por Max Weber tem muito a ensinar. Seu legado começa na possibilidade de pensar a Ciência como um ato prático, como o afirmou ao despojá-la de qualquer conteúdo a priori ou de contingências, quaisquer que seja. Ela é resultado do empreendimento prático do cientista, não de especulações aleatórias.

“A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” (Die Protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus) remete a duas questões: primeiro: faz parte da composição metodológica weberiana o exaustivo trabalho de pesquisa documental, a exemplo da numerosa quantidade de notas do autor³⁴, exatamente 398 no total, indicando a preocupação com a importância das fontes de pesquisa e diálogos diretos e implícitos com autores diversos.

Em segundo lugar a própria divisão do trabalho sugere uma postura metodológica significativa: a utilização inicial do termo “problema” que indica a relevância da construção hipotética e a expressão “tarefa da investigação” sinaliza para a atividade prática que é a pesquisa. Ainda, há de se aprender com Max Weber a utilização de um rico conjunto de técnicas de pesquisa, a exemplo da observação e da compreensão (enquanto a ação social é provida de sentido e valores) e da adoção de metodologias tanto quantitativa quanto histórica. No entanto, a análise empreendida por Max Weber ao tipo ideal construído para dar conta das relações sociais modernas — o Capitalismo — perdeu, por assim dizer, conexões importantes, inclusive com a realidade

a crença religiosa, são altamente eficientes, e que simples sabedorias cotidianas como a de Alberti não tem a seu dispor. (WEBER, 1999, p. 143)

³⁴ Penso que as notas de rodapé são uma espécie de testamento do pesquisador, uma burla à tradição escolástica do enclausuramento das etapas de raciocínio e do dever de socializar as reflexões.

histórica, ao utilizar o método individualizante que recorta a realidade de modo limitado, sem atentar para o que Nobert Elias (2001) chamou de “rede de interdependências” como um dos atributos das relações entre indivíduos.

Nesse sentido, Max Weber, ao encontrar uma justificativa moral — a ética protestante, notadamente - para o capitalismo, com base nos seus próprios valores e quiçá, seus “demônios”³⁵, como o diz, caiu na armadilha que tanto alertou com certa insistência: os valores políticos acabaram por se confundir com os valores do cientista. Separação que Weber defendia peremptoriamente. Na prática da investigação, das reflexões, se tornou um hiato como ele mesmo demonstrou, em alguns momentos.

Contudo, a Ciência é feita de incongruências e dela são aproveitadas todas as lições. O sentido da pesquisa é valer-se dos acertos, mas acima de tudo das inconfidências de cada um dos teóricos.

MEANING AND VALUE OF THE COMPREHENSIVE SOCIOLOGY OF MAX WEBER

ABSTRACT

It analyses the method of comprehensive sociology of Max Weber to refer to the study of the society and the relation of current sociability. It draws some analytics categories built by Weber, with the worry all contributing to the methodological support basis of concepts activated by the public policy analysis. It points the relation between the author and his historical time, his timing limits and intellectual and cultural indications. It underlines with some methodological references of comprehensive sociology, specially the one called ideal as the process of scientific validation on Weber investigation. It takes the criteria of rationality as the basis of the analysis of capitalism and the capitalist society. It underlines the methodological question of operational notions for the specific study of the capitalism system by Max Weber. Key words: Comprehensive sociology. Weber Method. Values. Capitalism. Rationality. Ideal types.

³⁵ Refere-se à passagem de Weber: “Carece agir de outra forma, entregar-se ao trabalho e responderas exigências de cada dia - tanto no campo da vida comum, quanto no campo da vocação. Se cada um encontrar e obedecer ao demônio que tece as teias de sua vida, esse trabalho será simples e fácil” (WEBER, 2002, p: 58) (grifos meus).

REFERÊNCIAS

- ARON, R. As etapas o pensamento sociológico. São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- BOURDIEU, P. Campo intelectual e projeto criador. In: Problemas do estruturalismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- _____. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996.
- COHN, G. (org). Max Weber. São Paulo: Atica, 1997.
- _____. Crítica e resignação: fundamentos da sociologia de Max Weber. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- DURKHEIM, E., MAUSS, M. Algumas formas primitivas de classificação. São Paulo: Ática, 1998.
- ELIAS, N. O processo civilizador: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 2v.
- _____. Sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- GERTZ, R. (org). Maic Weber & Karl Marx. São Paulo: Hucitec, 1994.
- LÓWY, M. As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen. São Paulo: Cortez, 1994.
- NIETZSCHE, F. Para a genealogia da moral. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Coleção os Pensadores).
- WEBER, M. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Editora Pioneira, 1999.
- _____. Metodologia das ciências sociais. São Paulo, Campinas: Cortez: Universidade Estadual de Campinas, 1999. 2v
- _____. Conceitos básicos de sociologia. São Paulo: Centauro, 2002.
- _____. Ensaio de sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1963.
- WRIGHT MILLS, C. A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1962.